

PERFIS DE POBREZA NA CIDADE DE LISBOA

Notas metodológicas e principais resultados do estudo qualitativo dos utentes do Serviço de Acolhimento Social da SCML¹

Texto de INÊS AMARO e FRANCISCO BRANCO*

Este artigo tem dois objectivos principais. Por um lado, propõe-se encetar uma análise sobre o uso da definição de perfis para o estudo dos fenómenos da pobreza e exclusão social. Por outro lado, visa apresentar os principais resultados do estudo realizado e que autorizam a distinção entre diferentes condições sociais e formas de se ser pobre, designadamente na cidade de Lisboa.

Com efeito, o artigo inicia-se justamente com a apresentação do estudo de perfis como uma metodologia facilitadora de uma maior compreensão do fenómeno da pobreza nas suas vivências individuais e subjectivas.

Em seguida, explicita-se o conjunto de critérios, pressupostos e preocupações que nortearam a definição dos perfis identificados entre a população utente do acolhimento social da SCML.

Por fim, apresentam-se as principais questões que ressaltam da análise dos perfis de utentes do serviço de acolhimento social, distinguindo os aspectos comuns e específicos a cada um dos perfis identificados.

1. O presente artigo parte dos resultados do estudo “Aprofundamento do Perfil dos Utentes do Acolhimento Social da SCML” (2009), realizado pelo CESSS-FCH/UCP e o CET/DINAMIA-ISCTE na sequência de um primeiro estudo sobre a questão do empowerment e da criação de autonomia no mesmo público-alvo. Todo o material aqui apresentado e discutido parte da investigação efectuada no âmbito do referido estudo.

O estudo dos perfis sociais como metodologia para a compreensão do fenómeno da pobreza

A definição de perfis, num momento prévio ou posterior à recolha de dados, de acordo com a natureza metodológica e epistemológica da investigação, tem revelado um importante valor heurístico no estudo dos fenómenos de pobreza e exclusão social como uma forma de “dar sentido” a ou de “ordenar” realidades extremamente complexas e multidimensionais.

Apesar da riqueza dos estudos que têm sido produzidos nesta perspectiva (Pais, 1999; Garcia, 2000; Capucha, 2005; Paugam, 1991; Maurel, 1991, entre outros), o uso ou estabelecimento de perfis na análise não está isento de discussão no âmbito das ciências sociais. Com efeito, a outra face da capacidade organizadora deste tipo de abordagem metodológica será o risco de uma excessiva “catalogação” de tipos de pobres e a consequente perda de sentido da individuação e da singularidade com que estas experiências e trajectórias são vivenciadas.

Serge Paugam (1993) advoga a necessidade de elaboração de tipologias como forma de superar uma heterogeneidade da população sem necessariamente cair numa excessiva fragmentação da realidade. Do seu ponto de vista, a resistência ao uso de tipologias, pelos seus alegados efeitos de encerramento das populações em classificações rígidas previamente determinadas, é injustificada, uma vez que se deve tratar de uma esquematização consciente da realidade, não aprioristicamente definida e carecendo de um conhecimento fino da população em questão (1993: 157-179).

Segundo Astier (1997),² podem distinguir-se duas grandes orientações na abordagem dos perfis de pobreza: uma que privilegia as tipologias de pessoas e outra que propõe tipologias de trajectórias, podendo ainda distinguir-se uma terceira orientação que combina as duas anteriores.

Com uma abordagem muito original, e sustentada no contacto com os beneficiários de medidas de garantia de um rendimento mínimo, Maurel (1991) afirma que a “homogeneidade pressuposta dos itinerários desfaz-se em bocados a partir do momento em que se desocultam as suas histórias de vida, e se avalia então quanto é perversa a passagem sem precaução da contagem duma prestação à qualificação duma população” (Maurel, 1991:



Apesar da riqueza dos estudos que têm sido produzidos nesta perspectiva o uso ou estabelecimento de perfis na análise não está isento de discussão no âmbito das ciências sociais

127). Daqui decorre a escolha de não simplificar a realidade e apresentar exemplos, percursos biográficos todos extraordinários, mais ou menos atípicos mas significativos, compondo, para retomar a expressão da autora, uma “galeria de retratos”.

Contrariando as desvantagens em termos de dispersão que este método dos exemplos levanta e atalhando uma tendência para a classificação dos indivíduos, Chopart (1991) propõe uma abordagem pela tipologia da dinâmica das trajectórias, conferindo às rupturas ocorridas nas esferas profissional, familiar e residencial, o papel explicativo no processo de precarização.

2. A análise de Isabel Astier (1997) refere-se, fundamentalmente, aos estudos dos beneficiários do RMI francês (equivalente ao actual RSI em Portugal).

Ser pobre em Lisboa parece, afinal, condensar em si características muito tradicionais da forma como este problema se tem manifestado ao longo dos tempos

Também Pierre Rosanvallon (1995) sustenta a necessidade de uma revolução cognitiva. No seu ponto de vista, os procedimentos tradicionais de análise social, baseados na abordagem quantitativa, na estatística, nas categorias objectivas de uma população (como o género, idade, habitat, ...), desenvolvidas no sentido de captar regularidades e identidades colectivas, são incapazes de dar conta da natureza real dos processos de exclusão social. Torna-se, assim, necessária uma outra abordagem que permita revelar o grão do social, os afastamentos e diferenças entre os indivíduos que o retrato fotográfico dilui.

Considera-se muito importante, e metodologicamente mais enriquecedor, adoptar uma dupla perspectiva da exclusão como processo social e como processo biográfico (Dubar, 1996). Isto significa, que se opta por conjugar a apresentação de um “retrato de família” com o aprofundamento de alguns “filmes singulares” (Branco, 2001). Assim, tendo em conta os três eixos analíticos adoptados no estudo: 1) condições objectivas de existência; 2) dinâmicas subjectivas dos sujeitos, e 3) relação dos sujeitos com os serviços de protecção social, nomeadamente com a SCML, em cada perfil/caso identificado procura-se identificar e analisar as regularidades estatísticas, registando alguns dos principais contornos de uma condição colectiva e traços identitários, recorrendo a uma tecnologia convencional, fotográfica, que possibilita traçar o retrato robot dos beneficiários, mantendo outro ângulo de focagem que remete para a recuperação de elementos do processo biográfico e das trajetórias sociais.

O estudo qualitativo dos utentes do acolhimento social da SCML

O estudo qualitativo dos perfis de pobreza em Lisboa implicou, por parte da equipa de investigadores, um mergulho profundo nos interstícios das situações de carência, vulnerabilidade e privação presentes na cidade.

A escolha dos perfis, transformados posteriormente em estudos de caso, fez-se a partir de uma discussão e recolha de sensibilidades junto de investigadores e intervenores desta problemática na cidade de Lisboa³ e resultou na definição de um conjunto de sub-grupos de pobres que cobrem a diversidade de situações de pobreza típica e emergente em Lisboa. Consideraram-se, desta forma, dois grandes perfis: 1) o grande perfil da pertença à ordem do trabalho, e 2) o grande perfil da não pertença à ordem do trabalho.

Deste modo, em primeira instância, o enfoque na selecção dos perfis a explorar foi dirigido aos utentes que estão em condições de integrar o mercado de trabalho e que têm a sua identidade estruturada em função dessa integração. Entre os que estão inseridos no mercado de trabalho a análise debruçou-se sobre o que se designou de **trabalhadores pobres**. Quanto aos que se encontram voluntária ou involuntariamente desempregados, incluem-se os **jovens fora do mercado de trabalho** e os indivíduos que apresentam uma **permanência na condição de desempregado**.

A não pertença à ordem do trabalho remete para a população cuja estruturação de vida, pelas mais diversas circunstâncias, não está centralmente definida em torno da presença no mercado de trabalho. Neste grande perfil incluem-se os **idosos vulneráveis**; as **pessoas com problemas de saúde que impedem o exercício de uma actividade profissional**, as **mulheres domésticas em idade activa** e os **desafiliados**.

Afloram-se em seguida, de uma forma muito sintética, os principais resultados da análise realizada.

3. A equipa de investigação do projecto optou pela realização de um *focus group* com dez especialistas na intervenção e/ou investigação da pobreza no qual se discutiu quais os perfis mais persistentes na cidade de Lisboa e quais os que têm levantado maiores dificuldades à intervenção. Dessa discussão resultou a definição dos sete perfis que acabaram por orientar todo o estudo qualitativo. Foram realizadas 62 entrevistas.



Foto João PeCurto

Especificidades e generalidades nos perfis dos pobres de Lisboa

Ser pobre em Lisboa parece, afinal, condensar em si características muito tradicionais da forma como este problema se tem manifestado ao longo dos tempos. Efectivamente, encontrou-se, sobretudo, entre os entrevistados uma história de pobreza intergeracional muito persistente, com situações amiúde graves e carência desde a infância. Esta circunstância acarreta um baixo nível de escolaridade e uma entrada precoce no mercado de trabalho, directamente para empregos desqualificados e com um baixo índice remuneratório. Com alguma frequência estão presentes quadros de violência intra-familiar desde a infância e que, mais tarde, se reproduzem nos modelos familiares constituídos.

As visões de futuro aparecem fortemente condicionadas pela falta de oportunidades que a crónica escassez de capacidades realizadas engendra. Assiste-se, desta forma, a um (re)desembocar na assistência e a uma enorme dificuldade de perspectivar a vida sem esse suporte social. Assim, detectou-se uma predisposição geral muito positiva perante a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e o seu contingente de assistentes sociais, o que pode, com propriedade, ser ilustrado pela afirmação “pobres e agradecidos”, para tomar *a contrario* a conhecida expressão popular.

Sucintamente, serão estes os traços da pobreza em Lisboa. Será então possível ou pertinente falar de perfis de pobreza na cidade de Lisboa? Existem especificidades relevantes?

As visões de futuro aparecem fortemente condicionadas pela falta de oportunidades que a crónica escassez de capacidades realizadas engendra

Sobre o segmento dos trabalhadores pobres, pode afirmar-se que é aquele em que são mais evidentes os efeitos do que pode ser designado de “armadilha da falta de oportunidades que gera falta de capacidades que não permite agarrar novas oportunidades”. Trata-se de pessoas submersas num ciclo de pobreza cujas origens estão situadas nas gerações antecedentes; ou seja, o perfil dos trabalhadores pobres reflecte situações em que se parece cumprir um destino de pobreza de que dificilmente se consegue fugir.

Os jovens fora do mercado de trabalho, mais do que incluem as situações da chamada “nova pobreza”, como se chegou a admitir ao longo da investigação, constituem essencialmente o grupo dos que estão na fase de reprodução do ciclo. Na verdade, *grosso modo* os entrevistados deste grupo pertencem a famílias pobres, sendo neste perfil que se detectam com maior evidência os mecanismos de transmissibilidade da pobreza. Esta circunstância não autoriza que se afirme que, em geral, os jo-

vens fora do mercado de trabalho não constituem situações de nova pobreza, mas na verdade entre aqueles que ocorrem ao serviço de acolhimento social da Santa Casa não se encontram situações de mobilidade descendente.

No grupo dos indivíduos que permanecem prolongadamente na situação de desemprego encontram-se as situações de pessoas que, pelas suas características pessoais, pela sua idade, pela sua formação ou por terem tido um período de ausência na esfera laboral, apresentam um perfil desadaptado ao mercado actual e, por isso, não são persistentemente absorvidas pelas suas dinâmicas. Nestas circunstâncias, após o esgotamento das medidas de protecção ao emprego e sem se ter atingido a idade de reforma, a pobreza instala-se não deixando outra alternativa que não seja o recurso à assistência social. Contrariamente, aos anteriores, neste perfil detectam-se situações em que indivíduos sem historial de pobreza se vêem em circunstâncias de carência, por vezes, grave.

Os idosos vulneráveis reflectem, antes de mais, as fragilidades próprias do sistema de bem-estar português. O facto de permanecerem numa situação de pobreza é sobretudo sinal de um sistema de bem-estar e solidariedade frágil, pouco consolidado e socialmente injusto. Esta circunstância resulta fundamentalmente das baixas reformas e pensões e de uma mudança de paradigma de uma família mais alargada e cuidadora a uma família mais restrita e centrada nas trajectórias individuais dos seus membros. Assim, funções de suporte tradicionalmente asseguradas pelo núcleo familiar alargado tendem hoje a ficar a descoberto, gerando

situações de carência e vulnerabilidade. Esta situação é sobretudo visível entre as mulheres idosas que, não raras vezes, foram cuidadoras durante toda a vida (dos pais, dos sogros, dos filhos) e que, quando chega o momento de necessitarem de cuidados já não beneficiam da existência dessa figura de suporte familiar.

No grupo das pessoas com problemas de saúde que impedem a inserção no mercado de trabalho encontram-se situações de um enorme sofrimento social, no sentido da *souffrance* conceptualizada, entre outros, por Soulet (2008) e Foucard (2004). A fragilização da situação de saúde, presente também noutros perfis, aparece como um factor de forte desestruturação da vida, inibidor da auto-estima e profundamente desmobilizador da construção de projectos de vida alternativos. Da conjugação dos vectores da situação específica de saúde (mais ou menos reconhecida) e da maleabilidade do mercado aos condicionalismos que dela resultam (totais ou parciais) resulta a frequência com que estes indivíduos se encontram em situações de “beco sem saída” entre uma incapacidade total ou parcial para o trabalho e a não elegibilidade, por não reconhecimento dessa incapacidade, para a reforma, pensão ou outro tipo de prestações sociais.

É entre as mulheres domésticas que se encontram as trajectórias mais fortemente marcadas pelo sofrimento, com uma presença muito significativa de situações de violência de que são vítimas directa e indirectamente. Estão neste perfil mulheres que cresceram num ambiente de violência familiar do pai sobre a mãe, do avô sobre a avó e dos adultos sobre as crianças que, mais tarde, se reproduz na conjugalidade. A continuada exposição a situações de negligência e violência não será certamente alheia aos aparentes problemas de definição identitária, auto-estima e auto-determinação que, de uma forma geral, as caracterizam. Pode considerar-se que muitas destas mulheres têm um elevado nível de activação, na medida em que se ocupam com responsabilidade pelo cuidado dos mais novos e dos mais velhos. No entanto, esse conjunto de obrigações que mantêm, sobretudo no domínio da parentalidade, dificulta-lhes o acesso ao mercado de trabalho por terem uma série de limitações de horário e não é de um modo geral objecto de reconhecimento social efectivo.

Por último, o perfil dos desafiados compreende todo um conjunto de situações-limite de ruptura com a vida social. Neste grupo incluem-se as pessoas com trajectórias de reclusão, sem-abrigo, toxi-

Os jovens fora do mercado de trabalho, mais do que incluírem as situações da chamada “nova pobreza”, como se chegou a admitir ao longo da investigação, constituem essencialmente o grupo dos que estão na fase de reprodução do ciclo

codependentes, prostitutas pautadas por vivências muito fora da “normalidade” convencionada da vida social. Apresentam-se como sujeitos indelevelmente marcados por esta ruptura social que parece funcionar como um sinalizador que sistematicamente os vai colocando à margem das oportunidades e reforçando o processo de exclusão. Trata-se, ao mesmo tempo, de pessoas que frequentemente têm a sua situação de saúde degradada e apresentam uma enorme fragilidade nas redes sociais. São, de uma forma geral, indivíduos que necessitam de longos processos de intervenção antes de iniciarem um processo generativo com vista à mudança da sua situação social.

Conclusão

Como se viu, a abordagem ao fenómeno da pobreza em Lisboa através do estudo de perfis permite ganhar profundidade analítica e complexificar a capacidade compreensiva deste problema.

O estudo realizado permite, desde logo, concluir que há um conjunto de mecanismos centrais que conduzem a situações de pobreza que são quase omnipresentes em todas as situações. Desse ponto de vista, pode falar-se de uma significativa transversalidade de traços entre perfis. Questões como a baixa escolaridade ou a precária inserção no mercado de trabalho estão presentes em quase todas as situações da chamada “pobreza tradicional”.

É, contudo, a dimensão da saúde aquela que parece atravessar as diferentes formas de se ser pobre, empurrando para a pobreza indivíduos sem histórico de privação e juntando-se a um somatório de negatividades entre aqueles que têm um percurso mais carregado. A fragilização da condição de saúde, ao prolongar-se no tempo, vai esgotando os recursos individuais de cada um e deixa indefesos os que têm uma menor capacidade de responder à vicissitude.

Em suma, considera-se que, para além dos fatores conducentes a uma situação de pobreza, a abordagem por perfil permite compreender a forma como esta situação é vivenciada e lançar pistas sobre a adequabilidade do trabalho a realizar no sentido de alterar o quadro de circunstâncias com que esta população se apresenta ao serviço de acolhimento social da SCML. ■

*CESSS/FCH-UCP

A abordagem ao fenómeno da pobreza em Lisboa através do estudo de perfis permite ganhar profundidade analítica e complexificar a capacidade compreensiva deste problema

BIBLIOGRAFIA

- ASTIER, I. (1997). *Revenu minimum et souci d'insertion*. Paris: Desclée de Brouwer.
- BERTAUX, D. (1980). L'approche biographique. Sa validité méthodologique, ses potentialités. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXIX, 270.
- BRANCO, Francisco (2001). *A Face Lunar dos Direitos Sociais. Tese de Doutoramento em Serviço Social*. São Paulo: PUC.
- CAPUCHA, Luís (2005), *Desafios da Pobreza*. Oeiras: Edições Celta.
- CET/CESSS (2009), *Estudo de Aprofundamento dos Perfis Sociais do Acolhimento Social da SCML. Relatório final*.
- CHOPART, Jean-Noel (1991). «Le classement des pauvres. Traitement social et postures scientifiques», *Revue Française des Affaires Sociales*, nº 2, 1991, pp.3-25.
- DUBAR, C. (1996). “Socialisation et processus”. In Paugam, S (Ed.), *L'exclusion: état des saviors*, pp. 111-119. Paris: Éditions La découverte.
- FOUCART, Jean (2004), “La souffrance: un enjeu social contemporain”. Texto policopiado.
- GARCIA, José Luís; JERÓNIMO, Helena Mateus; NORBERTO, Rui, e AMARO, Maria Inês (2000), *Estranhos – Juventude e dinâmicas de exclusão social em Lisboa*. Oeiras: Celta.
- MAUREL, E. (1991). “Le RMI: une prestation à tout faire”. In AAVV (Ed.), *Le RMI à l'épreuve des faits*, pp. 125-136. Paris: Syros-Alternative.
- PAIS, José Machado (1999). *Traços e Riscos de Vida. Uma Aproximação Qualitativa a Modos de Vida Juvenís*. Porto: Ambar
- PAUGAM, S. (1991). *La disqualification sociale. Essai sur la nouvelle pauvreté*. Paris: PUF.
- PAUGAM, S. (1993). *La société française et ses pauvres*. Paris: PUF
- Rosanvallon, P. (1995). *La nouvelle question social*. Paris: Seuil
- SOULET, M.-H. (2008). «La Vulnérabilité: un problème social paradoxal». In V. Chatel & M.-H. Soulet (Eds.), *Penser la Vulnérabilité* (pp. 65-88). Québec: Presses de l'Université du Québec.